



Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora

Nascido em Jaciara/MT, criado em Planalto da Serra/MT. Professor de Linguagem atua em Língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Um contador de história, observador de gentes e que se encanta com o mundo das palavras.

WhatsApp: 65 99977-0742

O sete

Nasci no interior de Mato Grosso, numa casinha de pau-a-pique, coberta de sapé, localizada entre a mata, o rio e o morro. Emergi do encontro entre um ancião e uma adolescente. Minha mãe me pariu dias antes de meu pai fenecer, vitimado por um câncer que carcomeu o estômago do velho ao longo de oito décadas. Mãe me contou muitas vezes que ele padecera de cólicas intestinais atrozes, daquelas que o faziam chafurdar o chão e cessavam sempre quando ela lhe dava de beber chá de cinza com chifre queimado. Até onde me foi permitido saber, mal meu pai expirou, minha mãe se acostou com o Martinho, o camarada enxaqueiro que há anos labutava lado a lado com meu pai no roçado. Contra vilipêndios ou para antecipar futuras fofocas, mãe sempre de conduta irretocável, elaborou justificativa pragmática: “O que se esperar de uma mulher viúva e sozinha neste cu de judas. Era preciso tocar o roçado, eu só, que podia fazer?”

Martinho foi para mim meu pai. Trabalhava feito touro, quando chegava em casa sempre trazia lenha para alimentar o fogão de terra batida, barreado de branco, o qual, com o passar dos anos ficou cada vez mais parecido com mãe ou ela parecida com o fogão, junto a ele passava todo o tempo fazendo brotar milagres culinários: frango caipira ensopado com mandioca, quiabo com abóbora madura, costelinha de porco com arroz, batata assada, bolo de panela, maxixe ao molho, molho de traíras, molho de ovos, banana frita, farofa de feijão... burilando a memória dos cheiros e sabores que habitam em mim, chego a conjecturar que minha mãe ao jeito dela, foi bruxa poderosa, enfeitiçava todo o mundo com seus quitutes.

Entre ajudar no preparo e levar almoços e merendas aos camaradas na roça, baldear água do riacho para dessedentar porcos, patos, galinhas e pintos; tanger as vacas na manga, lavar roupas e limpar louças, varrer

terreiro; ajudar no preparo do requeijão, da manteiga, banha de porco, ouvir os suspiros, adivinhar as broncas ou intuir o afeto de minha mãe, tomar banho no riacho e ir à missas de domingo; sangrar e me assustar com aquilo que, sendo recorrente, urgia de ser ocultado das gentes, decorreram os primeiros catorze anos de minha existência. Nem triste, nem alegre, tive até aquele momento uma prestante existência de planta ou, bicho que pouco pensa, muito faz.

Entretanto, a plácida e movida existência de planta foi abruptamente interrompida naquela manhã chuvosa em que me senti devassada, ante o olhar do filho do dono das terras arrendadas por Martinho. Cálidas gotas de chuva me desnudaram ali mesmo, na mata que protegia as barrancas escorregadias daquele riacho provedor de água e peixes antes, criador de desejos e sonhos, depois, Cabeceira Verde.

Num átimo, as gotas de chuva me encharcaram; ao toque daquela mão de longos dedos, no enleado daqueles braços longos, assimétricos, senti que líquidos de fora e os de dentro se confundiam, ondas de calor percorreram meu corpo, submergida em um oceano de fluidas sensações, deslizei lentamente meu corpo esguio; a princípio, subiu-me uma frialdade desde as folhas úmidas sobre as quais me recostei. No entanto, daqueles olhos saltavam chispas em irrisão e, quando os lábios trêmulos dele pousaram sofregamente sobre os meus, não mais senti o chão encharcado sob minhas costas, flutuei leve como a névoa que se formou em meus olhos e voou sobre as árvores, espargida pelo calor vulcânico de um membro feito brasa que incendiava a fornalha, ferida ancestral que se consumia em chamas liquefatas – aprendi esta palavra com um de meus maridos.

Em instantes de êxtase, como aquele que pela primeira vez experienciei entre plantas, com as quais até aquele momento par-

tilhava um sentido comum no existir, vida de planta, chega-se a sentir-se imensa, infalível, uma ninfa entre floresta e água, uma pequena deusa, quiçá. Eu não sabia, mas, precisamente nos instantes de júbilo, quando mais nos acercamos de Deus, o diabo, mais tentando se sente, invejoso, o capiroto espreita continuamente uma forma de macular a felicidade que tanto poder concede à gente; este pequeno deus decaído não aceita ser sobrepujado por uma menina-mulher, misógino demônio! Naquelas mesmas águas mescladas com os fluidos vertidos da fenda feita portal, em que o garoto velejou, marujo intrépido já na primeira viagem, ele submergiu. Morreu afogado, foi encontrado no fundo abissal do Rio das Pombas, ponto para o qual confluíam todas as águas do córrego Cabeceira Verde. Dor inumerável, gota a gota, senti, subitamente, todas nossas cálidas águas cessaram em mim.

Aos catorze, vívida viuvez varreu a primeira réstia de luz que brotou em minha vida, ninguém sabia, jamais soube do luto que, à época, escureceu tudo em meu ser. Marcos, o marujo que agitou meu mar feminino, afogou meus sonhos, tão célere e tão duradouro, o tênue tecido do amor. Entorpecida, feito planta, fui levada ao altar por Waltermar, vizinho solteirão, afamado caçador, cioso de si, por volta dos trinta anos. No altar, daquela mesma igreja que eu visitava um domingo a cada mês, quando autorizado pelo padre, o caçador ergueu meu véu e, naquele olhar senti, pressenti que aquele homem me caçaria tal qual paca, cutia, capivara, jaguatirica... onça acuada em trampa inescapável. Durante sete anos foi presa de um predador voraz que me devorava com sofreguidão e, me regurgitava com desprezo.

Waltermar me afogava em seus afagos feitos tapas, pontapés, contra os quais nenhum tapume era eficaz; conheci o furor de águas tão distintas daquelas que me inundaram naquela tarde fugaz e infinda com Marcos, gotas de chuva para as quais eu fugia nos momentos em que se afundava em mim o gládio viril do macho, aquele que fungando me cavalgava, urrando me espancava. Sete anos servi ao Waltermar, neste tempo, secaram em mim as fontes que emergiram às margens do Cabeceira Verde; nasceram, contudo, quatro filhos, três natimortos. Sete anos subitamente cessados,

sete tiros disparados por um jovem enciumado em uma quermesse, frente àquela igreja em um dia sete, dia santo, Santa Rosa ou Santa Domitila, não me lembro ao certo.

Viúva aos vinte e um, pela segunda vez, bem sabia eu; uma criatura desamparada para cuidar, pouco recurso para arcar com tamanho engenho, deixei-me encontrar pelo professor Altemar. Gente, aquilo sim era todo um homem! O Professor veio de longe, terras distantes; um lugar com um nome engraçado, aprendi somente quando ele, o professor, me explicou o sentido da palavra: Ubatuba, porto de canoas, nome do lugar foi dado por índios, bugrada sabida. Altemar, com aquele olhar a um tempo sereno, acolhedor e altivo. Veio contratado por um grupo de homens influentes da Vila para ensinar o caminho das Letras para os meninos, filhos daqueles mesmos homens, sobreditos.

Enlutada e enfurnada no roçado, passou tempo sem que nada eu soubesse da novidade chegada na Vila. Mas, não sendo apazado, o dia chegou como quem nem queria vir. Muito pela insistência de minha mãe, proferida ao modo de insultos e acusações de ateísmo, regresssei à igreja dois anos depois do Waltermar ter se afogado submergido no próprio sangue. Aquilo não foi fácil. Imagens do evento me assaltavam a todo momento, não consegui conciliar com a celebração da santa eucaristia. Mal o padre fez a benção final, saí da igreja sufocada.

Eis que entre soluços o pressenti, muito antes de perceber. Bastou um leve toque em meu ombro, estremeci inteira. Levantei os olhos lacrimejantes, diante de mim ele me oferecia um lenço alvo, tão alvo e cheiroso que, a princípio, não pude aceitar, contudo, o mesmo olhar que me oferecia, também ordenava. Estendi a mão e recebi o lenço, justo quando um grupo de pessoas destacadas na Vila levaram-no dali. Quem era ele? Quem era aquele que depois de tantos anos, despertou em mim aquele calor em pleno mês de junho? Regresssei ao roçado inquieta, irritadiça. Queria exorcizar aquela imagem de minha cabeça. Durante o dia, na lida diária, planejava queimar o lenço à noite, entretanto, mal a menina dormia, eu encontrava outra vez aquele olhar,

aquele toque, aquela mão... cheirava o lenço, ao contato daquele pedaço de pano, desejos brotavam de meu corpo e molhavam velhos lençóis surrados.

Na manhã de domingo, que demorou um século para chegar, surpreendi minha mãe conclamando-a a ir à missa. Ela me olhou daquele jeito de quem desconfia das repentinas intenções benfazejas, esboçou algo que me lembrou brevemente que ainda seria capaz de sorrir. Açulada encabecei a caminhada, o badalar do sino alcançou meu coração antes de atingir o ouvido.

No compasso descompassado do ritmo cardíaco, moviam-se também meus passos. Eu tinha urgência de me sentir mirrada outra vez por aqueles olhos. Adentrei a igreja, precatei de que não havia invocado a Santíssima Trindade no instante em que me sentei ao lado de Altemar, um gesto de todo despropositado; na igreja, mulheres sentavam-se de um lado, homens de outro. Não sou capaz de rememorar o que eu disse ao professor, tampouco pude ouvir claramente as palavras que ele me disse sob o burburinho que correu todos os recônditos do templo. Estão esculpadas em mim, estas sim, as recordações de que quando retornei àquele local foi para me deixar desposar uma vez mais.

Durante sete anos, vivi o paraíso na Terra. O professor Altemar, meu marido, testificava cada palavra, cada dizer com gestos vívidos de afeto e ternura. Com ele aprendi que habitam muitas mulheres em mim: umas sérias e elegantes, outras discretas, outras, ainda, insaciáveis no ato de amar, donas de si. Altemar, meu marido, comprou casa na vila, passamos a viver na comunidade, as meninas até frequentaram escola. Sete anos vivi. Sete anos se passaram num relance, alegrias breves que suportam uma vida de agruras. A noite que esfaquearam ao Altemar foi antecedida por uma noite lindíssima, como tantas outras que ele me proporcionou, inesquecível noite dedicada ao puro amar, sem desamor; até desalmar-se, sem alma pesarosa, o corpo flana pelas águas, flutua pelos céus. Altemar!

Sábado, sete, setembro, dia que conforme diz o povo destes Brasis, "ficou livre, foi?" Em sendo, para mim foi o oposto, naquele dia-noite fiquei cativa de uma triste-

za infinda que invadiu o espaço onde antes havia um amor que expandia para além e adiante toda minha vida. Desfile, bonito, Altemar, comprazia altaneiro com o desfile jamais celebrado na Vila, o povo todo, estava ali. Gente grande e miúda, pessoas todas saudavam o Professor, parabenizavam-no por organizar uma coisa tão bonita. Neste instante mesmo, no momento em que, finalmente, Altemar buscou meu olhar entre aquela multidão de olhos que o miravam, principiou-se uma discussão entre dois matutos; cioso da importância daquele momento e movido pelo princípio que regia cada conduta dele: o diálogo é a redenção última. Olhou-me, penso ter divisado uma piscadela cúmplice, aquele código tão nosso.

A ignorância se fez altiva, rapidamente os matutos, agora feito touros, com guampas de metal, reluziam peixeiras, as brandiam destros, entre si. O povo formou um cerco, arena improvisada, picadeiro da morte. O diabo se insinua num repente. Pressenti mais que vi, num emaranhado de pernas, movi o mais que pude. Cheguei tarde. De joelhos, Altemar olhava o próprio sangue, cascata que jorrava do peito a cada respiro. Um dos homens também o olhava embasbacado, a faca escarlate ainda em riste era sustentada pela mão trêmula. Atirei-me sobre meu homem, rugindo feito fera, ele me olhou e o sol rebrilhou naquela íris clara pela última vez.

Viúva aos vinte e oito anos, enclausurei-me sobre mim, ostra que nunca saía da concha. A ausência de Altemar se fazia presente em todos os instantes de meu existir, saudade não tem lugar, dura infinitamente. Sete anos segui sendo esposa dele, mesmo morto, defunto em seu jazigo. Com Altemar eu conversava longamente, clamava minhas dores e compartilhava meus planos. Com Altemar, alegrava minhas noites sombrias enquanto velava o sono das meninas. Altemar aquecia meu corpo nas noites frias de julho; incendiava-me quando com os olhos fechados e desnuda sobre a cama, na qual tantas vezes fizemos amor, eu o invocava a me comprazer desde o além vida.

Aos trinta e cinco anos, mais por cansaço que por empatia ou qualquer outro sentimento que se aproxime a qualquer lampejo digno de ser confundido com amor, cedi às

investidas de Zé Badaró. Aquele Português, a exemplo daqueles outros, seus ancestrais que há mais de quinhentos anos reivindicaram a posse do Brasil e tudo quanto havia nestas terras, há tempos desejava me possuir, fazer-se dono e senhor de meu corpo. Quitandeiro, que a custas de muito trabalho e um pensar pragmático que a tudo quanto há convertia em mercadoria, Zé Badaró chegou a ser dono do maior mercado da Vila, ganhou status de homem bom, gente de bem. Percebeu no Altemar, Deus o tenha, nos tempos dele vivo, uma possibilidade de lucrar, ofereceu, insistiu e persuadiu meu homem a comprar a crédito, fiado, registro feito a caneta na caderneta, caderninho ordinário, marcado com as digitais imundas de toda a gente deste fim de mundo. Todo dia de pagamento para lá acorríamos fazer compras do mês no Bulicho do Zé. Pagávamos a do mês ido, e ele nos fiava a do mês vindo. Enquanto viveu Altemar, Deus Seja, o sistema funcionou, Badaró fazia-se todo medidas: “Madama, Senhor Professor, Princesas, esteja à vontade”.

Dois meses após o passamento de meu Altemar, Deus o tenha, Zé Badaró em pessoa se apresentou ante nossa casa. Sentado na poltrona onde antes se sentara meu homem, fato que consistia por si só uma heresia inaceitável. Olhava com aqueles olhos de quem quer devorar o mundo. Movia a mirada de um móvel a outro, parecia fazer contas enquanto apresentava longas condolências pela morte de meu marido; exaltava as qualidades do professor, principalmente o caráter de ser um homem cumpridor da palavra, honesto. Mastigou o último gole de café, sorvendo-o de um jeito que muito me constrangeu, ajeitou o quepe imundo na cabeça, elogiou a poltrona: “eu bem que gostava de ter uma dessas”. Por fim, de pé junto à soleira da porta, me olhou de um jeito que me lembrou os olhos dos bichos no instante em que vão dar o golpe fatal na presa. “Madama, eu necessitava que fosses à quitanda, até loguinho”. Saiu com aquele andar paquidérmico, a casa ficou infestada pela nefanda presença, tem-

pos depois de Badaró lá não mais estar.

Corri para o quarto, santuário onde se presentificava a ausência de meu Altemar, refúgio seguro, agora que a sala havia sido contaminada; antes, porém, corri ao lavabo, regurgitei, lavei o os olhos, o rosto, os cabelos, entrei embaixo do chuveiro, mesmo sem tirar o vestido, o olhar de Zé Badaró, conspurcou meu corpo. Senti-me suja. Despi-me, atirei o vestido no sexto de lixo; esfreguei a pele tão fortemente que ficou avermelhada. Atabalhoada, imergí nos lençóis, chorava e clamava proteção, Altemar, socorrei-me!

Sete dias persignei possibilidades para não voltar jamais nesta vida a ver os olhos vorazes, nauseabundos de Badaró, escassearam-se os víveres na dispensa, reserva de dinheiro não mais havia. Trajada com uma calça jeans e a camisa preferida de Altemar, senti-me em uma armadura, fui ter com o Português. Assomei ante o Caixa rapidamente, saudei de modo inusual, tão máscula quanto me fora possível. Zé Badaró refez-se da surpresa e voltou a me lambar com aquele olhar de cão no cio. “Pois bem, Senhor José, aqui estou”.

O lusitano, palavra que me ensinou Altemar, Deus Seja, tateou palavras: “Madama... Dona... eu gostava de saber como vamos negociar a dívida...”, “Pagarei trabalhando honestamente”, interrompi, brusca. Com o indicador percorri pequena parte do balcão, levantei o dedo diante de mim, com cara de nojo, na realidade Zé Badaró suscitava em mim mais asco que a sujeira que inundava todo aquele lugar. “Este Bulicho, o maior desta vila, merece ser mais bem cuidado, para isto aqui estou, em troca de serviços de limpeza, pagarei a dívida”, rematei, firme por fora, trêmula por dentro.

Sete anos fui serva, sempre vestida com os andrajos de meu homem, limpei chão, organizei prateleiras, remarquei preços, preparei a comida, lavei roupas e privadas, resisti a insinuações, cantadas e investidas de Zé Badaró e clamei pela proteção de

Sentado na poltrona onde antes se sentara meu homem, fato que consistia por si só uma heresia inaceitável. Olhava com aqueles olhos de quem quer devorar o mundo.

meu Altemar. Por fim, faltaram-me forças, cedi. Sete meses fui esposa, um troféu para o conquistador português. Badaró era todo feito feições principalmente ante os fregueses, à Vila, às rezadeiras... nas missas, quermesses, festas familiares... necessitava exibir sua presa, prêmio para famigerado solteirão. Cioso de si, se fez famélico a tudo devorava com voracidade de víbora, deglutiava sem mastigar. Tanto que morreu engasgado com um naco de carne assada, capaz de tudo abocanhar, nem tudo pode engolir.

O passamento do comerciante causou comoção no vilarejo; atenta aos bons costumes vigentes, passei a portar a indumentária e cara típicas de viúva. No íntimo, sentia-me aliviada e até planejava com a ajuda de minhas crias, gerir aquilo tudo. Entretanto, como requer o bom costume, mantive o mercado fechado até a missa de sétimo dia. Um dia após a missa de sétimo dia, despertei cedo, escolhi um vestido antigo dos tempos de Altemar, Deus Seja, e, juntamente com as meninas, me dirigi ao Mercado de Badaró. Tentei caminhar altivamente, sabia-me olhada por todos os olhos da Vila, estava desacostumada a me mover com vestido, ademais, o coração caçoava de mim, pulsava tão forte que me fazia temer que ouvidos detratores o ouvisse por trás de portas e janelas empoeiradas.

A menina maior, versada que era nas Matemáticas, ficou incumbida de atender no balcão, a menor dividiria comigo o metier – saudades Altemar - de manter tudo aquilo organizado. No primeiro dia, poucos clientes acorreram... compareceram, alguns sequer entraram, ficavam de longe, olhando, falando e gesticulando, pareciam assombrados, uns, insatisfeitos, outros. Fingi não ver, instruí as meninas a assim também proceder. Dia longo, o sol parecia esquecer-se de girar, mais homens se assomavam ante o mercado. Gira sol, gira. Intempestivamente baixamos as portas principais da venda, saímos pela portinhola dos fundos, sem dizer palavra, marchamos a três céleres à casa. Durante a noite, não pude dormir, fantasmas oníricos capitaneados por Zé Badaró me fustigaram. Ao amanhecer, me muni de coragem, troquei de vestido, outra vez com as meninas, rumo ao Mercado. Senti como se desfilássemos em passarela improvisada, homens, mulheres, velhos

e adolescentes margeavam a rua do mercado de ambos os lados, algumas acenavam a cabeça, outras cuspiam um bom dia, outros muitos cuspiam no chão, ante nós. Mantive-me firme, as meninas me ladeavam, a menor soluçava. Ao longe, divisei o padre. Por um momento, um alívio, o vigário veio vindo, riso largo, braços acolhedores, acompanhou-nos até à porta principal, abrimos, ele ingressou, olhos voejantes.

Postou-os, por fim, em mim: “Filhinha, venho te oferecer conforto, em tempos revoltos. Tenha fé, busque refúgio em Deus”. Palavras que irromperam em meu peito uma cascata, lágrimas inundaram meus olhos, molharam o vestido, gotejaram no piso. “Oh, Padre”, balbuciei. O vigário me abraçou terno, eu queria ficar ali para sempre. Porém, entendi que para sempre, sempre passa. Este sempre se foi, breve, o padre, ao passo de alguns instantes mirou meus olhos: “Deus que está nos Céus, tudo vê e acolhe os que retribuam as benesses que a todos distribui. José Badaró foi antes de tudo um crente, durante toda a vida pagou rigorosamente dez por cento de tudo quanto ganhava, estou contente que agora possas seguir o exemplo dele, Deus te abençoe”. Saiu precipitadamente. Meus olhos secaram subitamente, lágrimas vertiram-se para dentro. Naquele dia, nenhum cliente entrou no mercado. Fornecedores cobraram promissórias prestes a vencer, paguei-as sem pestanejar. O concorrente do mercadinho em frente, ria-se a gargalhadas, movia-se lépido, com passos miúdos de rato, entre os tantos compradores.

Naquela noite dormimos juntas, sem jantar, em pensamentos fiz prece e pedi intercessão de Altemar, no meio da noite, despertei-me sobressaltada, a menina menor soluçava, vociferava e rezava enquanto dormia. Quando a toquei, descobri que ardia em febre. Compressas, chás e carinho lograram arrefecer a febre justo quando a aurora se anunciou. Ao sair para o Mercado, deixei-a aos cuidados da Menina Maior. Sozinha, percebi que tremia ao pisar na rua principal. Enfrentar as hordas sem elas era terrível, segui, contudo, tão impassível quanto me fora possível. Tive a impressão de que ouvi, entredentes, “rapariga”. Segui, olhar fixo, vicejando além. Quando alcei a portas, as senti leves, então notei um ho-

mem que me ajudara a soerguê-la. Camisas de mangas longas, barba imponente, riso largo, olhos de águia. “Senhora, primeiro as damas”.

Um calafrio percorreu minha lombar, de repente, mil agulhas alfinetavam todo meu corpo. Adentrei, postei-me por trás do balcão, “Pois não”, disse com voz firme, quase inquiridora. Ele sorriu, como quem flagra uma criança em sua traquinagem. Quando voltou a me encarar, senti que minha alma é que estava sendo inquirida: “Quero me apresentar, me chamo Jairo”, neste instante, percebi que ele trazia uma valise, “até onde sei, a senhora detém agora os bens do finado; até onde sei quem aos bens detém, com as despesas deve arcar também...” “O senhor apresente os documentos, e, saldarei o débito, sejamos breve”, interrompi-o. Ele me olhou de um modo estranhamente divertido, gato em ponto de devorar a andorinha. Retomou o enunciado, como se eu não o houvesse interrompido “considerando este princípio, venho apresentar um panorama das obrigações financeiras contraídas pelo morto junto a mim”, abriu a valise repleta de promissórias algumas vendidas, outras prestes a vencer; outras ainda, com vencimento a longo prazo, alcançavam os sete anos seguintes.

Ao final de sete dias, catorze, após a missa de sétimo dia de Zé Badaró, retomei minhas antigas funções no Mercado, agora muito bem frequentado, angariava mais fregueses que o boteco em frente. Agora, eu era funcionária de um homem de bem, Jairo, o agiota. No começo, ele dispensou a mim um tratamento formal e respeitoso, precedido sempre por um “Dona”. Encorajada por esta postura, aos poucos, deixei de usar as roupas rotas de meu marido Altemar. Voltei a trajar vestidos, eram mais leves e cômodos nestes dias angulosos de calor, agosto, tão contra a meu gosto. De repente, o Senhor Jairo começou a frequentar mais o mercado que havia estado a meu cargo e das meninas, funcionárias contratadas. Todos os meus sentidos ficaram alertas. Mas, o tratamento de Jairo, o Agiota, seguiu inatacável: “Senhora, Dona, Senhoritas”. As vendas de vento em popa, o Agiota, de olho em nossas popas, percebi que as olhadelas dele destoavam do jeito cerimonioso de falar. Tentei me precaver, Jairo, feito serpente, silvava e salivava. Trampa tântrica.

No final de expediente disse que reuniríamos para elaborar um balancete, atarantada, contestei que as meninas podiam ser dispensadas, com as contas, eu agora, não me enredava. Ele se limitou a me olhar com certo fastio. Acenei, duas figuras esguias e belas se moveram, as meninas estavam moças feitas, lindas! O Agiota precipitou-se em baixar e trancar as portas. Depois, dois olhos de tigre iluminaram o lusco-fusco do mercado, empurrou-me sobre o balcão, resisti quanto pude, entretanto, o Agiota não pedia, não negociava, arrombava e possuía quem queria. Penetrou-me, sem dizer palavra, forçou-me ao coito anal. Assujeitada suportei. As meninas estavam a salvo, em casa, onde fui recebida por elas - limpas, perfumadas e bem alimentadas. Quando as abracei, lágrimas brotaram de meus olhos, indagaram os motivos, as repeli. Ingressei heráldica no quarto, desabei e clamei pelo Altemar. Adormeci dolorida, quando despertei uma mancha avermelhada se formara no lençol sob minhas nádegas.

Nos sete anos seguintes, Jairo, o Agiota se serviu de mim, se lucrava, comprazia-se em mim, olhando para as cédulas que saltavam da valise. Os prejuízos, ele os afundava em mim, bruto, proferindo insultos. De todos os modos, ao ardor dele, se contrapunha minha dor. Neste interim, a Menina Maior se casou, o Agiota a presenteou com vultuosa soma de capital, ela migrou para outro estado. Senti-me aliviada. A Menina Menor seguiu trabalhando comigo no Mercado, por ela me mantinha cativa. Inocente e apaixonada, ela sequer desconfiava do que se passava quando as portas do mercado baixavam, quando se enunciava o fechamento para balancetes. Usurário soldado romano, Jairo seguiu dilacerando minhas entranhas com seu gládio, até morrer em pleno ato, vitimado por infarto.

O enterro de Jairo, o Agiota, foi um acontecimento, todos os homens de bem da Vila para lá acorreram; ali compareceu ainda aquela gente sumida que nunca se assomava à vista, políticos vieram da sede do município, algumas discursaram, exaltavam o caráter daquele homem de visão que, saindo do nada, fez fortuna. Aos discursos inflamados, sucederam poucos aplausos. Terminadas as longas exéquias, pairava um murmúrio opressor no ar. Recolhi-me à casa, junto à Menina Maior que também

viera de longe e à Menina Menor. Cumpri à risca o ritual de viúva, trajei vestes pretas, fiquei reclusa até à missa de sétimo dia, à qual assisti trajando aquele vestido preto, o mesmo da missa de sétimo dia de Zé Badaró, catorze anos antes. Aquilo tudo me enojava.

A vida urgia, na segunda-feira, um dia após a missa em menção à alma do Agiota, despertei cedo, tencionava ir em companhia da Menina Menor, a está altura, também ela, uma linda mulher, retomar a propriedade do Mercado, sete anos transcorridos. Tencionava... o sol tocou a cortina do quarto e, palmas retumbaram na varanda contígua à sala. “Senhora, Senhora... Dona! Ô de casa! Com o coração pulsando na garganta, placidez no olhar e altivez no caminhar, surgiu na varanda. Um par de olhos claros e assustados me buscaram. “A Dona, desculpa...” tartamudeou, voz trêmula e jovem alcançou meus ouvidos. “Mas, tenho cá comigo, que a senhora não devia de ir lá... na Venda do Português, não!” Os olhos luziram com candura, descobri depois, que o portador daquele azul que rebrilhava, chamava-se Lucimar. Eita, cada coincidência, parece até providência. No momento, atentei-me mais ao modo como disse que ao dito. Dirigi-me ao Mercado, a Menina Menor ao meu

abracei-o, conduzi-o ao quarto, mergulhei naqueles olhos, Lucimar, Altemar, Altemar, Lucimar, o antes, o agora, tudo aqui... encharcamos os lençóis.

lado, o rapaz, Lucimar, na retaguarda, tímido e destemido guarda-costas. Olhos meus! Malezas que vi, Altemar socorrei! O Mercado, feito formigueiro, era um entrar e sair de pessoas carregando fardos, disputando pacotes, derribando prateleiras... Céus, faltaram-me pernas, flutuei, sustentado de um lado pela Menina Menor apavorada, por outro, amparou-me Lucimar.

Recobrei os sentidos, muito tempo decorrido, senti o chão sob minhas costas; abri os olhos, dois faróis azularam meu olhar. Ambos, minha filha e o moço, aquele São Sebastião Matuto, ajudaram-me a soerguer, divisei à distância um tufão de fumaça. Estupefata, fui amparada, a turba enfurecida atacou, arrombou, saqueou e ateou fogo ao Mercado. Exasperada, esmaeci outra vez. Despertei tarde, noite adentro, tonta; esta-

va em casa, a meu lado a Menina Menor rezava e chorava. Da sala, adentraram vozes, cochichos, quase. Eram o noivo da Menina Menor e Lucimar. Uma vez mais me vi em um cômputo: voltar ao campo, trabalhar a terra, agora nesta altura da vida ou, seguir tentando sobreviver na e à Vila.

Sete dias se passaram, a Menina Menor se casou, foi viver na casa do noivo. Lucimar seguia me visitando, pós extenuante jornada na fábrica de tijolos. Chegava, sentava-se na cadeira de fio postada na varanda, olhava-me e parecia sorrir. Em seguida, entregava-me um pacote, geralmente algo de comer. Eu me sentava na cadeira frente a ele, horas depois, ele se despedia com um aceno, sem dizer palavra. Sete meses idos, muitas fofocas gestadas, as visitas dele sucediam, como se nada. Eu já o esperava, perfumada, cabelos engomados. As reservas financeiras se escasseavam, emprego? Na vila, nem para doméstica, me achavam capacitada.

Naquela noite, esperei por Lucimar especialmente aflita. Chegou, sentou-se, entregou-me o pacote, frango assado. Preparei dois pratos, comemos, em silêncio, os olhos dele naquela visita luziam de um jeito incrível, era como se Altemar, meu marido, houvera

renascido. Meu coração arfava no peito, meu corpo me traia, líquidos há muito retesados, voltavam a verter. Duas horas depois, quando Lucimar, sem dizer palavra, olhou para mim, a modo de despedida... abracei-o, conduzi-o ao quarto, mergulhei naqueles olhos, Lucimar, Altemar, Altemar, Lucimar, o antes, o agora, tudo aqui... encharcamos os lençóis.

Sete anos fluíram rápidos como as águas deste Rio Mata Grande. Depois daquela noite Lucimar nunca mais desfastou de mim, escandalizamos toda a Vila. Velha papa anjo, rapariga de Português, fornicadora pecaminosa... das mulheres crocheteras a políticos e matutos, até o sermão da missa de domingo, todos e todas se referiam a mim, a ele indireta e complacentemente, com epítetos desqualificadores. Lucimar

pouco falava, mas me olhava, eu me perdia naquele mar, quando me tocava, eu nadava pelos céus. Assim seguimos, ele trabalhava na empresa ceramista, eu nos labores domésticos. Todas as noites aqueles olhos, faróis encendidos, iluminavam meu ser.

Aos sábados, o sétimo dia da semana, dedicava-se a atividades que o deixavam ladino como nunca: pescar e pôr ceva para predar pacas. No começo, percorria largas distâncias de bicicleta, economizamos e compramos uma pequena motocicleta na Loja do Zé da Ni. Lucimar luzia de contente, menino bonito. Por volta das quatro da tarde, despediu-se de mim com um riso largo, anunciou que traria uma paca cevada das bandas do Córrego Feio. Dediquei-me a preparar-lhe a melhor cena, por volta das oito da noite, meu coração pulsou mais forte insuflado pelo ronco do motor da moto. De longe palpou-me com o olhar, vitorioso, trazia nas mãos uma paca enorme e a espingarda. Por um instante, a paca pareceu escorregar, cuidadoso com o prêmio, descuidou-se da arma. Soou um estampido ensurdecedor. Lucimar seguia de pé, os olhos luziam menos, menos, agora pareciam tomados por uma névoa; a paca caiu ao chão, instantes antes que ele o fizesse ferido mortalmente no pescoço. Atirei-me sobre meu menino, o mar daqueles olhos secara para sempre.

Ao sepultamento de Lucimar, acorreu pouca gente, pouquíssima. As duas meninas, eu, um grupo de carpideiras, mais bem fofoqueiras e o vigário que, célere celebrou as exéquias. A pessoa mais generosa, depois de Altemar meu marido, não foi um homem de bem na visão míope do povo da Vila. Quanta hipocrisia! O vazio invadiu meu ser. De repente, eu que sempre fui feita de ganas de viver, me vi sem vida. Coisa mais triste, o sem sentido. Preferível a morte. Vestida de luto por fora e por dentro fui levada ao término da missa de sétimo dia pela Menina Menor. Ela, agora junto com Josmar, o marido lá dela, viviam no Recanto Lacustre. As águas daquele sítio contrastavam com a secura angustiante que me

cercava por todos os lados. A grama verde mesmo no mês de setembro, o bosque, a brisa emanada do Lago, os peixes nos tanques, tão bem cuidados, a gata tigresa, o cachorro Marmaduke, nada não era suficiente, oh! Sem lugar. Empedernida passei no sítio sete meses, o genro, a filha grávida, os animais de casa, eram todos comigo. Eu, seca por dentro, fingia leveza externa e zelo extremado. Com jeito para não melindrar dei de insinuar a vontade de voltar à Vila, mais pelo constrangimento de não conseguir ser grata a nada que por vontade verdadeira de coisa nenhuma.

Sete dias antes do regresso, sob a fosforescência do sol se pondo detrás do bosque bradou um vozeirão à beira do tanque da estrada. "Vamos chegar Irajá", disse a Menina Menor, levantando-se com dificuldade. Emergiu uma calça que tremulava sem cessar. O homem movia-se feito redemoinho e falava, céus! Os olhos, impossível, saber que cor tinham, saltavam de um ponto a outro, feito sapo cururu à caça de mariposas em noite estrelada. Sujeito esquipático. Irajá Ventura, segundo me contaram fazia de tudo um pouco: lavrador, caminhoneiro, mecânico, padeiro, pedreiro, pescador, tratorista. O homem era múltiplo, sumia de um lugar, surgia em outro, assombração assomava-se e se dissipava. No entanto, apareceu todas as noites no Recanto, enquanto lá estive.

Sete meses seguidos surgiu diante de mim. Aparecia sempre ao entardecer, no instante que eu molhava a horta e prendia os frangos caipiras, decidi me dedicar a ambas as atividades quando retornei à casa na Vila. Durante duas horas, peripatético, trovejava cascatas de palavras, depois, sumia. Eu seguia sem alento, até para exorcizar aquela aparição. Além do mais, fazia-me companhia. Pensando bem, Irajá Ventura, até que era bem apessoado, cheguei a esta conclusão depois de me concentrar em observar metódica e continuamente cada parte daquele semovente ao longo de muitas visitas. Numa noite, última do mês de julho, represei o caudal de palavras que

**Irajá Ventura,
segundo me
contaram fazia
de tudo um
pouco: lavrador,
caminhoneiro,
mecânico, padeiro,
pedreiro, pescador,
tratorista.**

ele jorrava e disse que se quisesse poderia pernoitar, seria fria aquela madrugada. Pela primeira vez em meses, logrei interromper aquela trovoada, relampejou um alumbre naqueles olhos.

Nos sete anos que se seguiram fui viúva de marido vivo, Irajá surgia repentinamente, sem prévio aviso, sempre no lusco-fusco, narrava todas as aventuras vividas, caminhando de um lado para outro, então, eu o arrastava para o quarto, sôfrego, irrequieto, movia-se sobre mim, eu adormecia, quando despertava ela já molhada a horta, tratado os frangos e carpido o pomar. Outras vezes, reformava a porta, pintava as paredes, concertava o vaso... Movia-se todo o tempo, depois esfumava-se por meses, até anos. Por fim, evaporou definitivamente, soube que em um acidente de trator. Ele iria gradear a terra dos Mineiros da Mata Grande, não sei se de Zezão ou Chicão. Certo é que o CBT, este besouro metálico, sem asas, nem freio, lá na descida do morro do Anjo Queiroz, começou a mover-se muito rápido mesmo para os padrões de Irajá Ventura, o homem saltou da máquina em movimento, foi traí-

do pela declividade do terreno, escorregou no cascalho, vindo a cair com a cabeça justo sob o pneu traseiro do trator. Mais de meia tonelada de água e ar contidos à força por borracha e sustentado por aço, aplastou toda a metade posterior de Irajá. O imparável móvel se quedou inamovível.

Foi assim que sete décadas desaguarão em mim. O tempo, corredeira deste Rio Quilombo, tem um jeito próprio de empurrar tudo para frente e além. Contemplo toda a beleza do entorno, o bosque, a grama, os tanques, a represa, o Lago, tudo tão bonito. Nesta minha mirada envolvo também Marimar, minha neta, mocinha linda, dedicada e estudiosa, cercada de cuidados, será grande o bastante para inscrever o próprio nome na estória. Há anos moro com a Menina Menor e Josmar, meu genro, habito a mesma casa, o mesmo Recanto Lacustre em que eles vivem, mas vivo mesmo é em minhas memórias.

Cuiabá, MT, inverno de 2022, 07 de setembro; Bicentenário da Independência.

